



Lisboa é boa pista ou bora correr, Pessoa!

Lisbon is a good track or let's run, Pessoa!

Luis Maffei¹

Resumo: Fernando Pessoa é autor de um guia turístico intitulado *Lisboa – o que o turista deve ver*. Pessoa é, hoje, uma das marcas da cidade de Lisboa, e isso pouco tem a ver com a leitura de seus versos. Este texto lê o guia pessoano e a Lisboa hodierna enquanto narra uma experiência de corrida de rua em solo lisboeta.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Lisboa; corrida; turismo

Abstract: Fernando Pessoa is the author of a tour guide entitled *Lisbon – what the tourist should see*. Pessoa is, today, one of the marks of the city of Lisbon, and that has little relationship with reading his verses. This text reads Pessoa's guide and Lisbon today while narrates an experience of street racing in the capital of Portugal.

Keywords: Fernando Pessoa; Lisbon; run; tourism

a Jorge Fernandes da Silveira e Paulo Motta, leitores-corredores de muitos séculos

Teresa Rita Lopes escreveu: “Pessoa amou Lisboa. Pessoa rima com Lisboa.” (LOPES, 2008, p. 11) Eu também amo Lisboa, de um modo e com uma intensidade que não aplico a minha própria cidade – nalgum nível, Lisboa é minha cidade, ou melhor, eu sou da minha cidade que é Lisboa, como uma espécie de amante em eterno, não isso, em constante retorno, sem tédio, sem casamento. “Cidade mulher da minha vida”, cantou Carlos do Carmo em letra e música de Paulo de Carvalho; subscrevo: “cidade mulher” porque gosto do seu cheiro e de seu corpo incerto, cheiro de mulher desejada, cheiro bom porque cheiro de Lisboa.

Em poucas linhas, librei-me de uma armadilha e caí em outras. Agora é tarde para me levantar da queda como se nada tivesse acontecido. É tudo verdade: Pessoa rima com Lisboa, mas isso quase atrapalha o título deste texto, pois, como eu queria nele incluir Pessoa e Lisboa, volta e meia surgia a rima, e eu não a desejava. Acho que me safei, depositando os dois nomes próprios nos limites da frase. Mas não me safei da declaração de amor que veio depois, e o pior é que é também tudo verdade: amo a cidade, mas não amo tanto assim exhibir declarações de amor que talvez não interessem a

¹ Professor de Literatura Portuguesa da UFF, onde atua no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Literatura. Fez Doutorado na UFRJ e Pós-Doutorado na USP. É poeta e escritor.

ninguém, e definitivamente não amo exibi-las daquele jeito, entre o cafona e o clichê. Tampouco amo com especial intensidade os rasgos fadistas que hipertrofiaram a autoimagem da cidade do fado.

•

Chegado a Lisboa havia poucas horas, numa quarta-feira, passei, descendo a Rua Garrett, pela loja da Nike. À porta, um cavalete informativo, onde se lia “WerunLx”, quintas, 20 h. Entrei no estabelecimento, fiz perguntas e era mesmo o que eu imaginava: um treino coletivo e gratuito. Haveria grupos para 5, 8 e 10 km. Entre os vários percursos feitos nas diferentes datas do treino, o que me caberia, caso eu de fato fosse correr meus 10 no dia seguinte, era o da Estrela.

•

Lisboa, de onde Portugal partiu para o mundo, é cidade dobrada sobre si. É claro que Portugal de fato partiu, o que fica provado num breve mas atento passeio pelo Centro do Rio de Janeiro. Mas Lisboa, depois de tanta partida, parece que regressou a si mais Lisboa ainda, já que sair é também voltar. Algo semelhante foi provocado pelo terremoto de 1755: a cidade ruiu, forçosamente mudou, pombalinamente reinventada, mas foi tão Lisboa quanto possível, sentada sobre instável solo e sobre si mesma, sobre idêntica alma, apenas mais ferida pela terra e pela água que se moveram. Séculos depois, por razão outra, Nova Iorque é mais Nova Iorque que nunca depois do 11 de setembro. Tópico a se pensar: semelhanças de fundo entre cidades vaidosas e cheias de si.

Uma: o turismo. Ou a maneira de o turista ser recebido na cidade. Não penso agora em Nova Iorque, poderia pensar no Rio de Janeiro que habito, mas meu problema aqui é Lisboa, menina e moça, velha de guerra, pobre. Em assuntos de língua, na qual, quando imagina, com pouca (muita, na verdade) corrupção se fala inglês, francês e alemão, a multilíngue cidade só o é porque o português não se impôs na Europa nem no mundo. Hoje, o alemão é língua de poder, e chegar a um país como Portugal falando a língua de Merkel é afirmação de autoridade. A Lisboa mergulhada na crise que não divisa recebe em excesso quase triste uns turistas sem sentido (enfim, todos o são), muitos arrogantes, andando na cidade sem sequer a ver, mas sabendo que são vistos.

•

A citação que abre este ensaio pertence ao prefácio de *Lisboa – o que o turista deve ver*, de Fernando Pessoa. Um guia turístico encontrado na arca por Maria Amélia Gomes, a quem coube também a tradução do volume escrito em inglês. O guia, segundo

Teresa Rita Lopes, se insere “num vasto plano de intervenções que Pessoa congeminava por volta de 1919 para lutar contra aquilo que (...) chamava a nossa ‘descategorização europeia’, a nossa ‘descategorização civilizacional’”. (LOPES, 2008, p. 10).

Informa a informada Gilda Santos que “o livro mais vendido aos estrangeiros na emblemática casa da Rua Coelho da Rocha”, a Casa Fernando Pessoa, é justamente o guia. “Com traduções em mais uns cinco ou seis idiomas, já mereceu comentários atentos de nomes respeitáveis como José-Augusto França, Robert Bréchon e Fernando J. B. Martinho.” (SANTOS, 2009, p. 9) Nem todos concordam, logo, com quem pensa como Onésimo Teotônio de Almeida: “Pessoa distingue entre a escrita poética e a escrita hoje chamada referencial” (ALMEIDA, 2014, p. 118), e Onésimo pensa nos textos que o poeta classifica de sociológicos. Mais referencial ainda, obviamente, é um guia turístico.

Para a poesia pessoana, não me parece bom negócio que o livro mais vendido (aos estrangeiros, meu Deus, aos estrangeiros!) em sua última casa seja *O que o turista deve ver*. No texto de Bréchon que Gilda cita, lê-se: “Neste texto pobre, sem emoção, sem poesia, sem humor, não existe qualquer traço do génio que normalmente reconheço em tudo que ele escreveu, qualquer que seja a sua máscara.” (BRÉCHON Apud SANTOS, 2009, p. 10). Diria eu: ok, mas o guia é bastante eficaz como tal, ainda que pudéssemos discutir a existência de textos dessa natureza. E perguntaria: por que diabos um guia turístico deve guardar “qualquer traço do génio” de quem quer que seja?

Gilda Santos entende bem a vontade política, de valorização nacional, das páginas turísticas, que dizem uma “Lisboa (...) em superlativo” (SANTOS, 2009, p. 11). Além disso, três referências somente a Sidónio Pais, manifestando o que Teresa Rita Lopes entende como “paixão pela causa sidonista” em Pessoa. Disse eu há pouco que o guia é eficaz, mas quem o disse fui eu, que lá vejo, por exemplo, identificação da autoria de muitas preciosidades artísticas que há nos interiores lisboetas. Para um desses alemães de plantão, que importa a história desta igreja, o escultor desta custódia, a razão de ser deste baldaquino? Tudo (ou seja, nada) vira imagem sem alma a ser fotografada. Não sei o que Pessoa sentiria se visse, hoje, o turismo dar um exemplo de uma “descategorização civilizacional” em novos termos e novo arranjo – convocaria um neo-sidonismo espiritual?

•

Entremos agora na Rua Garrett e subamos para o Largo das Duas Igrejas. À esquerda fica o monumento ao poeta Chiado, nome popular dado a um frade do século XVI, António do Espírito Santo, que abandonou o hábito para se tornar uma espécie de encarnação

do espírito galhofeiro da época (...). Esta estátua é da autoria do escultor Costa Mota (tio); foi erigida por ordem da Câmara Municipal e inaugurada em 18 de Dezembro de 1825.

Entramos agora na *Praça Luís de Camões*, (...) (PESSOA, 2008a, p. 101)

Não, Camões ainda não. A quinta-feira que punha em meu caminho um caminho a ser corrido estava desagradavelmente chuvosa. Cogitando a suspensão da atividade, visitei a página de Facebook da Nike Chiado e lá li: “Esteja bom ou mau tempo, não paramos”. Por que pararia eu?

À saída da estação Baixa-Chiado, vi um grupo de cabo-verdianos cantando e dançando muito bem. Próximo a eles, um sorridente Chiado, em forma de estátua, num gestual que, não obstante a paralisia do corpo metalificado, parecia querer dançar. Dali, a famosa estátua do Pessoa sentado na esplanada do café A Brasileira dista poucos metros. Não deixa de ser irônico ler no guia turístico uma descrição simpática da escultura que, hoje, importa menos para efeitos... turísticos. Próxima o bastante para ouvir os cabo-verdianos, aquela figura de óculos, sentada, atraindo clientes, não dava o menor sinal de querer mover-se. Lamentei que Pessoa tenha tanto corpo, tanta subjetividade limitada pelo nome e pela figura, e que esse corpo, ou um simulacro dele feito isca para consumo, esteja ali parado, vilipendiado, recebendo um sem-número de néscios que o abraçam sem sequer imaginar que é só é físico, no caso de um poeta, lê-lo – mas estou indo longe demais: quantos daqueles bobos com câmeras ao pescoço sabem o que seja poesia, um poema, um verso, uma taquicardia lírica?

Com uma taquicardia atlética à minha espera, eu, que nunca li António do Espírito Santo, o frade que largou o hábito e impôs seu nome ao velho Largo, quem diria, das Duas Igrejas, logo estava junto a meus colegas de corrida, prováveis não-leitores, nem de Chiado, nem de Pessoa, posando para uma fotografia que já nasceu histórica – não sei se para a história mas, para mim, com certeza.

Ao fundo da foto, à esquerda de quem olha e à minha direita, muitos tênis. Fora da foto, muitos outros produtos à venda. A corrida era gratuita, mas só a corrida, e não há mais Abebes Bikilas nas ruas.



Apontado, um pedaço do autor deste texto, no segundo andar da Nike Chiado. A foto está na página de Facebook da loja.

Há triste atualidade no “Nevoeiro” de *Mensagem*: “Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,/ Define com perfil e ser/ Este fulgor baço da terra/ Que é Portugal a entristecer –/ Brilho sem luz e sem arder,/ Como o que o fogo-fátuo encerra.” (PESSOA, 2008b, p. 126) “Portugal a entristecer”, escreve o poeta perto no fecho de seu poema nacional, ou melhor, de tentativa de recriação de nacionalidade, e penso no triste empobrecimento hodierno do país e de suas pessoas. Paralelamente a isso, o poeta, onde está, como está? A mesma Teresa Rita Lopes afirma, já muitos séculos após a morte de Fernando António: “Talvez só hoje Lisboa se tenha verdadeiramente tornado o lar de Pessoa.(...) é impossível percorrer certos sítios, certas ruas, sem sentir ao nosso lado os seus passos esvoaçantes” (LOPES, 2008, p. 20). Exemplos de que Lisboa é o lar do poeta são os filmes que se fazem a partir do que ele escreveu, como dois, recentes, que bebem do *Livro do desassossego–Filme do desassossego* (2010), de João Botelho, e *Ophiussa - uma cidade de Fernando Pessoa*, de Fernando Carrilho (2013), que une a Soares fragmentos de Álvaro de Campos e Vicente Guedes.

Pessoa, muito em virtude da gama de estratégias de que lançou mão para construir sua figura pública, caiu em armadilhas. Quem está conosco enquanto andamos por certos lugares de Lisboa? No chão da Rua dos Douradores, onde viveu e trabalhou Bernardo Soares, há uma frase do *Livro*, mas não há menção ao semi-heterônimo. Primeira conclusão: quem está conosco é um poeta sem heterônimos, sem fartura de nomes

líricos, sem, conseqüentemente, a subjetividade feita estilhaços; pelo contrário, quem está conosco é cheio de subjetividade, é, como a cidade, cheio de si. No meio disso, vejo que essa cidade, hoje, ainda cheia de si, cheirosa, desejável, minha e eu dela, está pobre, e há tal soturnidade nessa situação que coisa demais está à venda, e barata.

Ou seja, muita coisa se consome neste mundo, e a nota de cem escudos com a figura de Fernando Pessoa tornou-se fantasma, fetiche, item de colecionador ou objeto destrutível: no último dia para se trocar essa nota por euros, 31 de janeiro de 2012, o jornal *Público* revelou que “as notas recolhidas são destruídas pelo Banco de Portugal”². Por curiosidade, fui a um site de compra e venda por Internet e lá achei uma oferta atualíssima de uma dessas cédulas, não circulada. Custava 5 euros.

O percurso do guia é feito em automóvel. Correndo, a relação com a cidade é outra, mas Pessoa correndo é cena difícil de imaginar. Ele sabe, contudo, que a cidade se situa “sobre sete colinas” (PESSOA, 2008a, p. 42), e é essa sua primeira informação ao turista. O percurso que eu fazia, de tênis relativamente novo no pé e olhos vivos, começava na Rua Garrett, descia pela Rua do Alecrim, passava bom tempo na Avenida 24 de julho e subia o Infante Santo até chegar ao Jardim da Estrela. Cada um desses nomes poderia ser explorado por Pessoa em seu guia ou por mim aqui – tem muita piada, como se diz em Lisboa e não no Rio de Janeiro, correr por Garrett, que foi devagarinho até Santarém, ou por D. Fernando, que, nascido em Santarém, foi à África e não voltou.

Foi justamente na Avenida Infante Santo que me deparei com a primeira colina do caminho. Minhas pernas e meu pulmão notaram o que eu sei há muitos anos: Lisboa é boa pista inclusive porque sobe e desce, depois desce e sobe. No meio da via, meu frequencímetro indicou 160 e subindo – 165, 168, 170... Quem corre sabe o gosto dessa sensação cardíaca: um grande prazer se mistura à vontade de planura, que vai ficando urgente e, depois, desesperada. Nesse ponto, enquanto alguns colegas se destacavam do pelotão, outros passaram a caminhar, esbaforidos. Lembrei-me, claro, da Segunda Quina de *Mensagem*, “D. Fernando, Infante de Portugal”: “Deu-me Deus o seu gladio, porque eu o faça/ A sua santa guerra./ Sagrou-me seu em honra e em desgraça/ Às horas em que um frio vento passa/ Por sobre a fria terra.// (...) // E eu vou, e a luz do gladio erguido dá/ Em minha face calma./ Cheio de Deus, não temo o que virá.” (PESSOA, 2008b, p. 70), não com a justeza da citação, mas me lembrei.

² <http://www.publico.pt/economia/noticia/termina-hoje-prazo-para-troca-da-nota-de-100-escudos-de-fernando-pessoa-1531496>

Eu temia, sem gládio, sem Deus e já sem muitos companheiros por perto – tinha apenas uma squeeze e um frequencímetro. Mas tinha também a honra, ora se não, maior (?) que o medo.

•

Tópico a aprofundar, pensando em minha colega e amiga Ida Alves e seu interesse por velocidade e frenagem em poesia contemporânea: correr é velocidade, pois é movimento de aceleração do corpo. Mas não será também investimento numa rapidez lenta, posto que, na corrida, não temos propulsores maquínicos? Se compararmos a velocidade do corredor à do mero ciclista, correr é devagar; em comparação ao automóvel, ao computador, à mente dos humanos feitos cyborgs, correr não é quase frenagem? A pensar, a pensar.

•

Não surpreende que olhos ávidos procurem em tudo o que venha de Pessoa uma natureza poética, ficcional, ou, sei lá, artística. Tudo bem, mas texto poético é texto poético, texto referencial não é a mesma coisa. O que lamento com força no caso pessoano, não é isso, todavia. O que lamento mesmo é a vida que Pessoa tem fora da poesia, e, conseqüentemente, sem poesia. Em português claro, não no inglês do lema da corrida, “WerunLx”, não no inglês de *O que o turista deve ver*, mas em português claro, Pessoa sem poesia é algo da ordem da lembrancinha turística.

Uma pena, mas bem feito. Por que bem feito? Porque Pessoa parece que procurou, enquanto escreveu tudo de todas as maneiras, ser incontornável demais, até mais que seus versos. Deu nisso. Paralela à Rua dos Douradores, a Rua do Fanqueiros. Ali, uma ocorrência, entre tantas, de algo que aparece em todas as lojinhas de lembranças de Lisboa: a cara do poeta, não seus versos, só sua cara – bem, quando é usado um pedacinho do que escreveu, pior, pois, no caso da constelação pessoana, descontextualizar é, por exemplo, ver em Caeiro um apaziguado e coerente cultor de vida singela, ou, o que é ainda mais útil, guru de autoajuda. A lojinha da Rua dos Fanqueiros chamou-me especial atenção em virtude de certo pôster à venda, no qual se viam reproduzidos em desenho levezinho alguns do *ex-libris* da cidade, como o Mosteiro dos Jerônimos, Santa Engrácia, a Estação do Rossio – onde o “Dr. Sidónio Pais, o infelizmente Presidente da República”, “foi assassinado (...) na noite de 14 de Dezembro de 1919” (PESSOA, 2008, p. 75) –, o eléctrico 28, a Sé etc. e... Pessoa.

Mais uma vez disse eu, “bem feito, Pessoa”. E muita coisa se consome neste mundo.

•

Maria Teresa Horta disse-nos, a mim e a minha companheira Raquel Menezes, que não gosta de Pessoa. Cito isso aqui sem recear cometer qualquer inconfidência, pois Teresa já o afirmou no rádio. Segundo a autora do nada pessoano *Minha senhora de mim*, vários ouvintes ligaram para a emissora, após o programa, a fim de parabenizá-la, pois se sentiram libertos do insuportável peso de terem que gostar do poeta.

Não gostar de Camões é muito mais fácil, pois o autor d'*Os Lusíadas* é menos pop. Há de tudo: quem goste de Camões fazendo ressalvas a *Os Lusíadas* (logo ao texto mais lírico do poeta), quem chame Camões de misógino (logo esse humilde adorador de um alto e sexualizado feminino), quem entre na "Praça Luís de Camões, no meio da qual se encontra o monumento ao grande poeta épico, obra do escultor Vítor Bastos, inaugurada em 1867" (PESSOA, 2008a, p. 101) supondo que Camões é aquilo. Há inclusive quem não pense nada, estando o pobre poeta pobre diluído entre outras tantas estátuas da cidade onde talvez nem tenha nascido. Isso, se não chega a salvá-lo, ajuda-o.

A crise que pousa ameaçadora espada sobre a cabeça de Portugal pode ser aproveitada para uma nova releitura d'*Os Lusíadas*, não como a do fim do século XIX, nacionalista e não raro glorificadora, mas uma que saiba encontrar sentidos fundos que o poema, humanamente, guarda. Um deles: a honrada derrota de Baco. Há, hoje, bons poetas conversando, em diapasão contemporâneo, com Camões, e bons críticos gostando de lê-lo. Há de sair coisa boa dessa candência.

•

John Mateer é um poeta sul-africano que mantém especial relação com Portugal e com a poesia portuguesa. Num conjunto em que há acentuado diálogo com Camões, Mateer, um viajante, encontra o livro de que aqui me ocupo em surpreendente paradeiro:

AINDA EXISTE OUTRO LUGAR

Anos antes de andar pelas ruas calçadas de Lisboa
e, bebendo uma bica piscar o olho a mim próprio no espelho
por trás do balcão n'A Brasileira

Anos antes, ao descobrir numa livraria
em Quioto o livro de Pessoa *Lisboa*:
O que o turista deve ver, quase chorei

Quase chorei de tão feliz
por outros na Velha Capital
estarem a sonhar com o Império da Nostalgia

Tão feliz porque em todas as nossas mentes
ainda existe outro lugar
e aí um alçapão: a voz humana: *saudade* (METEER, 2014, p. 47)

Anda, não corre, por Lisboa e pelo oriente o poeta vizinho do Adamastor. Mateer conseguiu piscar o olho para seu reflexo, e logo onde, e conseguiu, sobretudo, sair do guia para um poema, para um alçapão à Álvaro de Campos. Quase chorei por ter conhecido, mesmo que em tradução, esse poeta que escreveu *saudade* em português.

•

Poesia pop? Quem usou a persona de poetisa pop foi Adília Lopes, lírica, demasiado lírica a ponto de ser pessoana, camoniana, cesarina etc., e tudo a sua maneira. Após o Infante Santo contornei o “*Jardim da Estrela*, que é um dos mais bem cultivados da capital. Foi aberto em 1842 e tem vários exemplares de flora exótica, um bom número de lagos, uma gruta, estufas, uma biblioteca ao ar livre (...)” (PESSOA, 2008, p. 122, 123). No dia seguinte, quando voltei à loja da Nike para buscar um esquecido boné, não usado na corrida chuvosa, soube que o guia de meu grupo foi um dos que quebrou na primeira subida. Diogo me disse que, caso tivesse resistido, sua opção seria correr por dentro do Jardim, hipótese mais bonita.

Referi-me a Adília porque, após o Jardim da Estrela, veio a Avenida Álvares Cabral (ah, os nomes, e eu chegara a Lisboa na véspera, vindo do Brasil), o Largo do Rato, um pedaço da Braancamp (nomes à parte, ninguém supunha que, dias depois, um José Sócrates pouco ou nada sidonista teria seu apartamento nessa rua submetido a mandado de busca, e o próprio ex-Primeiro Ministro a surpreendente encarceramento) etc. até chegar à Rua de Dona Estefânia. Esta desemboca no largo homônimo, onde se situa o Café Tarantela, que está para Adília assim como A Brasileira está para Pessoa (há quem diga que o verdadeiro A Brasileira do poeta é o Martinho da Arcada, no Terreiro do Paço). Pensando na peculiar autora de obra tão poderosa e grato pela ausência de subidas, percebi, numa parte meio penumbrosa da cidade, que já perdera de vista todos os meus companheiros. O cansaço dos altos e baixos, o arrependimento de não ter escolhido

correr 8 km e a súbita solidão me fizeram sentir, na carne, a famosa melancolia da Cidade Branca, e então meu corpo era mais incerto que o acidentado corpo de Lisboa. Pior: eu não sabia se saberia voltar dali, sem carteira, sem dinheiro, sem bilhete de metro (tudo na loja!), só com minha squeeze e meu frequencímetro.

Camões, autor de uma poesia com muito mais corpo erótico que a de Pessoa e camaradas, tem menos corpo em Lisboa, tão menos quão mais turística for a visita. Cito um sintoma, não mais que um sintoma, mas, enfim, um sintoma: perto do local onde Camões foi preso em junho de 1552, a então Cadeia do Tronco, há, desde 1992, um painel de azulejo para homenagear o poeta, ocupando a curvatura do túnel do Pátio do Tronco. Camões aparece em *O que o turista deve ver* mais uma vez, após a passagem do automóvel pela praça que leva seu nome, já no interior do Mosteiro do Jerônimos, “obra-prima de pedra que todos os turistas visitam e nunca conseguem esquecer” (PESSOA, 2008a, p. 131): “os túmulos de Luís de Camões e Vasco da Gama” foram “feitos em 1894 sob a orientação do escultor Costa Mota” (PESSOA, 2008a, p. 135). Quanta ironia: o poeta da matéria simples em busca da forma, sabe-se, talvez nem esteja nos Jerônimos, pois misturados a seus ossos estão outros tantos, de diversos outros homens, ou lá estão apenas ossos de outros homens. Acho que isso não desagradaria Camões. E outro corpo que lá jaz, nem tão perto do de Camões mas no mesmo Mosteiro, é o de Pessoa, e ele nem poderia imaginar.

“E tu, nobre Lisboa, que no Mundo / Facilmente das outras és princesa” (*Lus*, III, 57, 1-2), como disse um Vasco de Gama criado em poesia, falseia uma proximidade nossa com Pessoa. Mas a cada pôster ou saco com a cara do poeta, a cada pose ao lado da estátua no Chiado, mais longe ficam uns versos que ainda dizem muita coisa. E Camões, menos pop, que tanto sofreu com a oficialização de seu poema e de seu vulto, hoje desfruta de certo desprezo turístico justamente por ser mais oficial, menos fotografável. Enquanto isso, muitos leitores seguem tentando retirá-lo desse lugar que não o merece, mas com menos pôsteres, menos marcadores de página.

Eu sei que o Supra-Camões era irônico, mas, ainda assim, bem feito, Pessoa.

Antes de entrar na Avenida Almirante Reis, Aleluia!, vi alguém correndo. Decidi segui-lo, mesmo receando o homem nada ter a ver com a atividade da Nike. Meu ritmo era, apesar do esfalfamento, melhor que o dele, e pus-me a correr bem atrás do colega mas sem o ultrapassar, a fim de não voltar à solidão. Ao notar que passava pela entrada

do metro Intendente, senti o alívio de estar localizado mas, em virtude das diminutas forças que me restavam, também um assustado desânimo por notar que estava distante três estações da mais próxima a meu destino. Em dado momento, meu companheiro, confirmando, sem querer, que fazia parte do treino, virou-se para mim e perguntou, “sabes chegar à loja?”, e eu disse que mais ou menos, que, na verdade, estava a segui-lo, mas, esbaforido, não me fiz ouvir através de seus headphones. É, tenho de admitir, muito lucrativo o mercado que se estabeleceu a partir da moda das corridas de rua: há muito brilho nos tênis e nas roupas, simbologias diversas, periféricos, como os tocadores de música, com ares indispensáveis. Muita coisa se consome...

De todo modo, encontrado, segui pela Rua da Palma, Martim Moniz (perto de onde está a Mouraria, que o guia turístico de Pessoa compara, pela pobreza cheia de tipicidade, a Alfama) e já estaria de volta ao mui desejado fim daquela experiência intensa e um pouco sofrida. Mas o que poderia esperar um corredor acostumado a treinar, sem chuva, no plano do Rio de Janeiro? Um corredor cujo recorde, aliás, foi conquistado numa corrida de exploração do Centro Histórico carioca, e cujo maior desespero se deu numa prova realizada no Morro do Borel, que não foi uma prova, mas um suicídio. Menosprezei Lisboa, não como cidade, nem como princesa, nunca como mulher; menosprezei Lisboa, sem querer, como pista de corrida.

Passando pela Praça da Figueira e pelo Rossio – como bem disse Pessoa, “a dois passos a leste do Rossio, descobrirá a *Praça da Figueira*” (PESSOA, 2008a, p. 59) –, já sentia o alívio da chegada quando notei que havia um último desafio, uma última íngreme subida, caro Cesário (o poeta também não correu, mas andou como um danado peripatético, e foi ele meu primeiro e nada turístico guia de Lisboa, muito obrigado): a Rua do Carmo. Arrastando-me durante o último estímulo cardíaco mas sem nunca deixar de correr, contornei a esquina da Rua Garrett e vi o alongamento do que tinham corrido 8 km. Invejei-os enquanto me arrependia de não ter feito parte daquele grupo, mas sorri sem fôlego por ter chegado ao final.

“(...) À direita, logo ao começo, é a Travessa dos Bicos. O turista deixa o automóvel e vai ver a *Casa dos Bicos*. Este edifício data do século XVI e pertenceu aos descendentes do grande Afonso de Albuquerque” (PESSOA, 2008a, p. 83). No Canto X d’Os *Lusíadas*, Camões, pela boca na Ninfa que profetiza o futuro dos portugueses, defende Duarte Pacheco enquanto acusa “quem só doces sombras apresenta”, os tais “descendentes do grande Afonso de Albuquerque”, que são, no poema, considerados

“avarentos lisonjeiros” (*Lus*, X, 24, 7-8). Muitas vezes, em seu épico, Camões critica decisões equivocadas do poder real e realiza sua hierarquia própria de barões assinalados. Duarte Pacheco está bem acima de Brás de Albuquerque, herdeiro indigno de Afonso e detentor apenas das “doces sombras” do nome paterno.

Foi Brás, lisonjeiro avarento, segundo a Ninfa camoniana, quem mandou construir a Casa dos Bicos. Hoje, a casa cuja “fachada é toda de pedras pontiagudas, e por essa razão costumavam chamar-lhe Casa dos Diamantes” (PESSOA, 2008a, p. 83), é sede da Fundação José Saramago. Tal Fundação organiza anualmente, desde 2012, o Dia do Desassossego.

Saramago nunca escreveu um guia turístico, mas é hoje, ao lado de Pessoa, uma atração turística em Lisboa, e a Casa dos Bicos passou a ser uma ironia em forma de construção renascentista. O perigo que já atinge Saramago, Pessoa conhece bem: a secundarização da obra em nome da monumentalização do nome.

Mas Saramago, fundador de sua própria Fundação, devia estar ciente dos perigos – perigos? Então, bem feito, Saramago. E quem quiser que consuma mais isso. Pena que não existam mais escudos, pois ficaremos sem a cara do marido de Pilar em cédulas. No entanto, havendo, como há, dinheiro neste mundo, há por aí viúvas sorridentes.

•

Ao ouvir nossa querida Maria Teresa Horta dizer que não gosta de Pessoa, Raquel sorriu. É ela quem me adverte sempre que, diante do culto extralírico ao poeta, digo “bem feito, Pessoa”: “não seja ingênuo, ele ia adorar”. Será?

•

Escreveu Deleuze: “Toda escrita comporta um atletismo; porém, longe de reconciliar a literatura com os esportes, ou de converter a escrita num jogo olímpico, esse atletismo se exerce na fuga e na defecção orgânica: um esportista na cama, dizia Michaux.” (DELEUZE, 2011, p. 12). Pessoa abúlico? O guia o desmente, mas o guia não tem uma autoralidade forte. Será Pessoa um esportista na cama? Consigo vê-lo deitado, de pé, caminhado ou sentado, mas não correndo, sequer correndo de uma corrida – o ato de correr de uma corrida poderia dar lenha à “ambiguidade do atletismo” (DELEUZE, 2011, p. 12). Essa ambiguidade, em resumo, reside no fato de a literatura ser um “empreendimento de saúde” (DELEUZE, 2011, p. 14) e isso guardar em si “o risco constante de que um delírio de dominação se misture ao delírio bastardo e arraste a literatura em direção a um fascismo larvado (...). Fim da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde” (DELEUZE, 2011, p. 15-16).

Criar uma saúde no delírio, correr inclusive do risco de se cair em algum fascismo olímpico, inclusive o do vencedor: isso não te soa familiar, tu que nada tens (estou certo?) de estátua? Então, como nossa Lisboa é boa pista, bora correr, Pessoa!

Bibliografia

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. **Pessoa, Portugal e o futuro**. Lisboa: Gradiva, 2014.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Edição de Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, 1978.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: 34, 2011.

LOPES, Teresa Rita. Prefácio. In: PESSOA, Fernando. **Lisboa: o que o turista deve ver**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.9-23.

METEER, John. **Namban (Bárbaros do Sul)**. Tradução de Andreia Sarabando. Lisboa: Medula, 2014.

PESSOA, Fernando. **Lisboa: o que o turista deve ver**. Tradução de Maria Amélia Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

_____. **Mensagem**. Organização de Cleonice Berardinelli e Maurício Matos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008b.

SANTOS, Gilda. As Lisboas de duas Pessoas. **Revista Abril**, Niterói/ NEPA, UFF, v. 2, n.2, Abril 2009.